

# RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO: UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS

Submetido em: 13/4/2023

Aceito em: 29/7/2024

Publicado em: 2/1/2025

Ângela Adriane Schmidt Bersch<sup>1</sup>

Maria Angela Mattar Yunes<sup>2</sup>

Narjara Mendes Garcia<sup>3</sup>

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Educação. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2025.122.14322>

## RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar os resultados de um modelo de programa de intervenção para promoção da resiliência profissional em educadores sociais. A intervenção foi elaborada a partir da associação da Inserção Ecológica e da Metodologia Experiencial. Dez educadores participaram de 4 módulos temáticos. Para análises dos resultados utilizou-se a Teoria Fundamentada nos Dados com suporte do *Atlas.ti*. Os

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande/RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-1263-9309>

<sup>2</sup> Universidade Salgado de Oliveira – Universo. Niterói/RJ, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-4653-3895>

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande/RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-0947-6542>

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

eixos de análise concentraram-se em: Estrutura da Rotina Institucional, Comunicações interpessoais e Práticas de cuidado. As atividades do Programa evidenciaram os desejos de potencializar as interações proximais com motivação, humor e esperança. Constatou-se, ainda, o aumento das expectativas positivas e confiança nos projetos de futuro em crianças e adolescentes. O componente lúdico e afetivo nas inter-relações foi qualificado, bem como a eficiência nas vias de comunicação com os residentes. Esses são fatores de proteção em ambiente de trabalho institucional essenciais na resiliência profissional.

**Palavras Chave:** Educador Social. Resiliência. Intervenções psicoeducativas. Metodologia experiencial.

**Professional resilience at risk contexts: A training program for social educators**

**ABSTRACT**

The aim of this article is to present the results of a model of intervention program to promote professional resilience in social educators. The intervention was elaborated with the association of the Ecological Engagement and the Experiential Methodology. Ten workers participated in 4 thematic modules. The analyses of the results were carried out based on the principles of Grounded Theory and the support of Atlas.ti. The analyses of the meetings focused on three main points: Institutional Routine, Interpersonal Communications and Care Practices. There was also an increase in positive expectations and confidence in children and adolescents' future projects with more joy and affection in the relationships, as well as more efficient patterns of communication with the residents. These are protective factors in the institutional context that are essential components of professional resilience.

**Keywords:** Social Educator. Resilience. Psychoeducational interventions. Experiential Methodology.

**INTRODUÇÃO**

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

O trabalho dos educadores sociais que atuam em instituições de acolhimento de crianças e adolescentes no Brasil é permeado por diferentes estressores ocasionados por imprevisíveis adversidades micro e macro contextuais. Dentre as dificuldades, destacam-se: heterogeneidade da clientela; alta exigência de flexibilidade, controle emocional individual e coletivo, bem como a ausência de uma agenda de políticas públicas de apoio ao profissional social (BERSCH *et al.*, 2019). Portanto, ações e intervenções nesse ambiente são recomendadas como possíveis recursos de proteção para oferecer apoio relacional, informacional e instrumental aos educadores (JULIANO; YUNES, 2014; NÖRNBERG; MENEZES, 2012).

Os educadores sociais, nesse estudo, referem-se aos profissionais que atuam no cuidado e educação de crianças e adolescentes em instituições de acolhimento (BERSCH *et al.*, 2018b). Investigações realizadas nesses contextos e voltadas à infância e adolescência brasileira demonstram que o ambiente institucional e as relações estabelecidas entre pares ou entre residentes e educadores podem apresentar severos riscos ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos integrantes (BERSCH, 2017; JULIANO; YUNES, 2014; PISKE, *et al.*, 2017; MARZOL *et al.*, 2012; YUNES *et al.*, 2015).

Embora já se tenha avançado na melhoria do atendimento e na implementação de leis de fiscalização para garantir direitos das crianças e adolescentes, o acolhimento por profissionais despreparados pode comprometer a construção de identidades infantis e projetos de futuros adultos (BERSCH *et al.*, 2018a; ZAPPE, *et al.*, 2017). Portanto, há de se pensar em estratégias e mecanismos que trabalhem com as competências desses educadores sociais. Estes, sem dúvida, são elementos-chave no desenvolvimento da infância e da adolescência institucionalizada, conforme regulamenta o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA<sup>4</sup> (BRASIL, 1990) e as Diretrizes estabelecidas pelas Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (BRASIL, 2009).

---

<sup>4</sup> O ECA foi instituído pela Lei 8.069 no dia 13 de julho de 1990. É o conjunto de normas brasileiras que tem como objetivo a proteção integral da criança e do adolescente, aplicando medidas e expedindo encaminhamentos para o juiz. É o marco legal e regulatório dos direitos humanos de crianças e adolescentes.

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

Pensar em estratégias de desenho, planejamento e execução de programas de intervenções positivas implica em focar na promoção de resiliência numa situação de trabalho crítica e que exige esforço relacional. Estudos anteriores realizados com agentes sociais e educativos demonstraram que o papel do tutor de resiliência se define por ser um relacionamento progressivo e constante, o qual se constitui num “outro significativo”, apoiando e ativando a iniciação de processos de resiliência naquele que enfrenta a dor, sofrimento ou trauma (BERSCH *et al.*, 2018b; CYRULNIK, 2009; RUBIO; PUIG, 2015; YUNES *et al.*, 2018). Trata-se de um vínculo de proteção construído a partir de experiências de reciprocidade de afeto, confiança e empatia. Isso pode desenvolver outros fatores de proteção como habilidades sociais para manutenção de uma rede de relações com os pares e outras pessoas (BELTMAN; MACCALLUN, 2006; YUNES *et al.*, 2018). Deve-se ressaltar que, do ponto de vista conceitual, o tutor aproxima-se do que Walsh (2005) denominou em seu modelo teórico de resiliência familiar de salva-vidas relacional. Outrossim, há evidências de interfaces com a essência da concepção de processos proximais na abordagem Bioecológica de Bronfenbrenner (2011), ou seja, das interações de desenvolvimento saudável entre indivíduos em seus contextos face a face.

Há consenso acerca da necessidade de preparo contínuo dos profissionais no que tange à promoção de sentimentos de empatia, habilidades nas relações sociais e sensibilidade para tomada de decisões (GUIMARÃES; NETO, 2015). Além desses atributos, destaca-se que promover resiliência em equipe pode ser uma prerrogativa para a realização de um trabalho de acolhimento educativo, reflexivo e dialógico. Neste caso, o conceito de resiliência difere do que vem sendo aplicado pela Psicologia Organizacional, definida como um conjunto de competências que permitem que os indivíduos trabalhem de forma flexível e “ajustada” (SOBOLL, 2008). O “ajuste”, muitas vezes, ocorre a partir de mecanismos de pressão e controle com vistas a aumentar a produtividade de trabalhadores (DEMO, *et al.*, 2017; FARSEN, *et al.*, 2018).

No campo de trabalhos realizados na área da Saúde e Educação Social, a resiliência profissional se constitui como um conceito cunhado pela atuação de um grupo de pesquisadores interessados em compreender práticas positivas e protetivas de profissionais em situações de risco (BERSCH *et al.*, 2018a; BERSCH *et al.*, 2019).

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

Portanto, em linha com estudos anteriores, o fenômeno da resiliência nesse artigo, refere-se aos processos dinâmicos que possibilitam que educadores sociais (como uma unidade grupal) analisem, lidem, superem, inovem e transformem circunstâncias, eventos, conflitos ou adversidades que decorrem de condições de dificuldades cotidianas no ambiente de trabalho. Além de transformar o que era originalmente uma condição de risco em algo positivo, o profissional que expressa resiliência no seu trabalho passa a ser um promotor de desenvolvimento humano e proteção de si mesmo e de outrem (BERSCH *et al.*, 2018b).

Sob essa perspectiva, os estudos pioneiros de Froma Walsh (2005,2016) e seu modelo teórico de resiliência no ambiente familiar são inspiradores para subsidiar análises de processos de resiliência profissional em equipes que atuam em situações de risco. Seus estudos com grupos familiares sugerem a necessidade de explorar as interfaces de aspectos individuais e grupais, enfocando elementos relacionais guiados por processos-chave e dimensões correspondentes. Fazer o paralelo com o modelo teórico de resiliência em famílias e seus processos-chave (WALSH, 2005) auxilia nas elaborações conceituais acerca das manifestações de resiliência em profissionais que atuam em espaços permeados por riscos. Assim, as dimensões apontadas em Walsh (2005): Sistemas de Crenças; Padrões de Organização; Processos de comunicação podem ser transpostas do ambiente familiar para ser alocadas como elementos de análise do âmbito institucional e da atuação das equipes em casas de acolhimento, por exemplo. A transposição sugere que o sistema de crenças dos profissionais e os sentidos e significados extraídos das experiências cotidianas podem ser “o coração e alma” da resiliência profissional. Da mesma forma, os padrões de organização e de comunicação podem auxiliar a amortecer e facilitar os processos de trabalho em equipe numa instituição.

Diante de tais considerações, este artigo tem por objetivo apresentar os resultados de um programa de intervenção promovendo a resiliência profissional em educadores sociais. Estes eram responsáveis pelos cuidados na educação e desenvolvimento de crianças e adolescentes acolhidos em uma instituição localizada no extremo sul do Brasil. Os efeitos foram avaliados a partir da percepção e satisfação dos participantes, bem como das mudanças observadas nas suas práticas pós-intervenção.

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

## **METODOLOGIA**

A estratégia da Inserção Ecológica é ideal para ser adotada desde a primeira fase das investigações, e foi isso que ocorreu nessa proposta. A Inserção Ecológica, (CECCONELLO; KOLLER, 2003; SILVEIRA, *et al.*, 2009) é um método que visa analisar e compreender os processos de interação de quatro elementos fundamentais do modelo bioecológico de desenvolvimento humano, que são: Processos, Pessoa, Contexto e Tempo (BRONFENBRENNER, 2011). Isso quer dizer que os pesquisadores se inserem no ambiente/ou ambientes pesquisados com o olhar investigativo direcionado para a compreensão profunda da dinâmica contextual e dos processos de interação que podem ser promotores ou inibidores de desenvolvimento. Por se tratar de um projeto de intervenção, a Inserção Ecológica foi associada à metodologia experiencial (MARTÍN, *et al.*, 2009). Esta tem sido utilizada com sucesso em programas de promoção de parentalidade positiva. Caracteriza-se por colocar em evidência as situações concretas como elementos essenciais para promover a reflexão, gerar novos conhecimentos e práticas a partir das vivências expressas pelos próprios participantes. É a partir do conhecimento experiencial que as competências profissionais são fortalecidas no trabalho em grupos com a partilha de experiências comuns e singulares, como no caso de Educadores Sociais, atores que são foco deste trabalho.

A seguir apresentamos a síntese da concepção de uma proposta de programa de formação para educadores sociais/equipe técnica. A aproximação entre a universidade e a educação em contextos não formais como instituições de acolhimento pode contribuir para a qualificação da formação destes profissionais (PAULO; SILVA, 2021). O programa foi inspirado em outras experiências exitosas que tiveram por base a metodologia experiencial (ALMEIDA, *et al.*, 2012; GARCIA, *et al.*, 2016).

Os participantes foram em número de 10 que atuavam como educadores sociais em instituição de acolhimento localizada no extremo sul do Brasil, onde foi realizado o Programa. Destes, 5 participantes afirmaram ter formação em nível superior e os demais em ensino médio. As idades variaram de 26 a 57 anos – com média de 40 anos e 7 meses. A maioria (90%) é do sexo feminino. Os educadores sociais trabalhavam há em média 6 anos em instituições de acolhimento. Eles foram identificados nos registros de diário

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

de campo por ES 01 a ES 10.

Os participantes assinaram o Termo de consentimento livre e esclarecido que informava sobre a finalidade do estudo, a garantia de anonimato e sigilo das informações, bem como o caráter voluntário da participação e a possibilidade de desistência a qualquer momento da pesquisa. Destacamos que todos os princípios éticos de pesquisa envolvendo seres humanos foram rigorosamente seguidos em conformidade com a Resolução CNS Nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2012) e Resolução CNS Nº 510, de 7 de abril de 2016 (BRASIL, 2016).

Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos: questionários, observações, áudios, filmagens, fotos, formulários, diário de campo e memoriais descritivos. Contudo, para esse artigo foram utilizados excertos de três fontes apenas: áudios (áud.); formulários (Form.) e memoriais descritivos (M.D). Os registros citados no decorrer do texto serão abreviados de acordo com a indicação entre parênteses. Além disso, para que o leitor se situe com relação à temática e tempo do Programa iremos citar a qual módulo e sessão se refere a informação.

Como metodologia para análise dos encontros foram utilizados os princípios da Teoria Fundamentada nos Dados (CHARMAZ, 2009; STRAUSS; CORBIN, 2012) e o recurso do software *Atlas.ti* (SAN MARTÍN, 2014). Este último é uma ferramenta a serviço da tradição metodológica utilizada pelos pesquisadores da Teoria Fundamentada nos Dados. A partir da triangulação de abordagens, foi possível operar os dados e obter a relevância das categorias e subcategorias que evidenciavam o fenômeno e suas relações. Na análise das informações, observou-se as relações e o funcionamento do grupo, e, ao mesmo tempo, as concepções e as percepções individuais. Portanto, os dados evidenciaram características e atributos biopsicossociais: ou seja, ora evidenciamos aspectos pessoais dos profissionais, ora aspectos oriundos da dimensão coletiva.

O Programa foi organizado e aplicado em 4 módulos, cada um composto por 3 sessões. Destacamos que todas as sessões de número 3 eram compostas de práticas experienciais que os educadores sociais realizaram com as crianças e os adolescentes institucionalizados. Cada uma das sessões presenciais teve a duração de aproximadamente 2 horas, conforme demonstrado na Tabela 1 a seguir:

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

**Tabela1:** Modelo de Programa de Formação de educadores sociais

<b>Módulos</b>	<b>Sessão Inicial</b>
<b>Módulo 1: Os Processos Proximais nas relações dos Educadores Sociais</b>	Sessão 1 – Desmistificando crenças: acolhimento e o estabelecimento de vínculos.
	Sessão 2 – Práticas Inclusivas: a sensibilidade do Educador Social frente às necessidades da criança e do adolescente.
	Sessão 3 – Os conflitos e as suas consequências no desenvolvimento humano.
<b>Módulo 2: Mediação de conflitos e reflexões sobre os Princípios para o cuidado</b>	Sessão 1 – O conflito como uma oportunidade de evolução do profissional e de promoção de fatores protetivos para a criança e o adolescente
	Sessão 2 – A comunicação nas inter-relações: reflexões sobre regras e limites para as crianças e os adolescentes
	Sessão 3 – As Tecnologias: possibilidades e limites
<b>Módulo 3: Diálogo protetivo no ambiente institucional</b>	Sessão 1 – Práticas educativas afetivas e seu impacto no desenvolvimento humano
	Sessão 2 - Sexualidade, Gênero e Diversidade
	Sessão 3 – Atividade prática - Diálogo e interação entre/com as crianças, os adolescentes e os Educador Social
<b>Módulo 4: (Re) conhecendo os “nós” da rede social</b>	Sessão 1 – Descobrimo a rede e sua importância para a criança e adolescente.
	Sessão 2 – A relação da instituição de acolhimento com a escola.
	Sessão 3 – Tecendo Possibilidades nas inter-relações
	Encerramento

Fonte: elaborado pelas autoras.

Cada sessão foi composta por: a) 1ª atividade: impessoal (20min); b) 2ª atividade: pessoal (20min); c) 3ª atividade: estratégias – Linguagem corporal (30min); d) 4ª atividade: Linguagem corporal de sensibilização relacional (20min); e) 5ª atividade: feedback e compromisso pessoal (10min). Tal organização permitiu envolver o participante de forma gradativa e facilitar a exposição de suas ideias em duplas, em pequenos ou no grande grupo. O tempo informado é aproximado (BERSCH *et al.*, 2018b).

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

**RESULTADOS DAS ANÁLISES DAS ATIVIDADES REALIZADAS NO PROGRAMA: EIXOS, CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS**

No que se refere aos encontros propriamente ditos, a análise das atividades e das sessões se deu a partir da triangulação dos dados proposta pela Teoria Fundamentada nos Dados (CHARMAZ, 2009) e evidenciou os seguintes eixos temáticos: Estrutura da Rotina Institucional, Comunicações interpessoais e Práticas de cuidado. Cada eixo desdobrou-se em categorias, suas propriedades e dimensões como se descreve a seguir.

**Quanto à Estrutura da Rotina Institucional e suas dimensões**

a) **Ausência de trabalho organizado em equipe:** Um dos aspectos mais referidos da rotina institucional foi a rotina individualizada por plantões dos educadores sociais, com destaque para a falta de planejamento coletivo para as atividades do dia a dia. O profissional revela que realiza suas atribuições de acordo com seus julgamentos e prioridades, conforme ilustra a fala abaixo:

A rotina de cada plantão, cada um mais ou menos administra seu plantão. Tem uns que preferem chegar e dar o banho, tem outros que preferem que brinquem e depois tomem banho, ou se vai fazer alguma atividade ou alguma coisa e fica meio a critério do plantão ou da pessoa, no caso (ES. 05sessão2 aud. mod.2).

Os profissionais revelaram que não conhecem a rotina dos demais colegas de outros turnos ou plantões e alertaram que a falta de clareza e coesão pode prejudicar o desenvolvimento das crianças ou adolescentes e gerar sentimentos negativos nos residentes. Portanto, essa forma de trabalho individualizado e desprovido de um senso de equipe é percebida como elemento que pode gerar **riscos** para eles e para os institucionalizados.

As crianças se perdem porque não têm uma rotina clara, cada um que vem faz a sua regra a sua rotina e eles [as crianças e adolescentes] precisam fazer, sem muitas vezes saber porque exatamente, só por que tal tia quer assim. Os grandes ficam brabos e brigam porque um dia é assim e no outro já é diferente. Eles querem um padrão (ES.07 aud.mod.2 sessão1).

b) **Funcionamento institucional ineficiente:** A individualização no estabelecimento de normas e sistemáticas de trabalho resultou num esquema **pouco coeso** e desprovido de objetivos comuns de uma unidade do grupo de profissionais. O

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

clamor por um **trabalho em equipe** reverberou em vários encontros. Os educadores sociais chamaram a atenção para o empobrecimento das relações, dos diálogos, dos planejamentos em comum e coletivos.

Não, não vejo trabalho em equipe. Como te disse é plantões. Cada plantão tenta fazer seu horário sem deixar furo, vamos dizer assim. Tem por exemplo a questão de dar medicação... Ah tal plantão tem que dar medicação, aí se tu não deu, ah tal plantão não está dando. Às vezes não é nem a pessoa em si, mas se é teu horário, tu e mais um colega ou tu e mais dois. E não é um trabalho em equipe, não vejo um trabalho em equipe. É muito individualista assim (ES.05 aud. mod.3)

c) **A imprevisibilidade, improvisação e a informalidade:** tais elementos fazem parte da rotina do funcionamento da instituição e igualmente podem se constituir em riscos. “Aqui não tem planejamento, eu nem sei o que vai acontecer daqui a pouco que dirá amanhã, ou semana que vem!” (ES 10, sessão inicial). Os imprevistos acontecem, mas se a equipe de trabalho for coesa, o diálogo for aberto e cada um acreditar na parceria com o outro, riscos podem ser minimizados e quanto mais profissionais estiverem juntos para fazer frente às imprevisibilidades, mais rápido e fácil será o controle das condições difíceis.

### **Quanto às comunicações interpessoais e suas vicissitudes**

a) **Carência de diálogos:** tal aspecto apareceu nas falas dos profissionais com as discussões e debates sobre o desejo de mudanças para planejar, traçar estratégias e organizar as rotinas institucionais no coletivo. Isso esteve presente como mais um elemento percebido como risco potencial nas relações institucionais. Todos os educadores sociais foram unânimes nos seus registros e afirmaram que o diálogo é fundamental e percebido como potencializador das interações, e, portanto, protetor.

Para que o grupo se entenda e fale a mesma língua é fundamental ter diálogo e clareza, mais informações, tolerância nos desentendimentos e mal entendidos” (ES.08 áud. sessão 2.mod.2)

b) **Incongruência entre o discurso e a prática:** constatou-se que são poucos os encontros formais para dialogar, pois a comunicação cotidiana acontece pelo registro escrito num “livro” que é utilizado para registrar ocorrências fora da rotina, administração de medicamentos, conflitos, agressões, e o que o Educador Social julgar necessário. Este fica disposto sobre a mesa da sala ou sobre a mesa da coordenadora.

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

A nossa comunicação se dá pelo livro. Os plantões todos têm o hábito de ler, só que aí chega na coordenação ela não lê. Aí tu pode colocar fulaninho passou mal, desmaiou. Se o troço não rendeu assunto o livro não funciona (ED.02, Form.9, Mod.2.sessão2).

c) **Desejo de canal de comunicação eficiente:** Os relatos denunciam a carência, dificuldade e falta de clareza na comunicação entre os profissionais o que se reflete na comunicação com as crianças e adolescentes. Isso ficou evidente no decorrer dos encontros. Argumentou-se sobre a necessidade de mais diálogo para maior tranquilidade nas intervenções e mais apoio da equipe técnica nas questões mais complexas. Ter uma comunicação permanente, clara e com interpretação unívoca de informações foi tido como um dos elementos chave de proteção, ampliando a potência e a capacidade de resiliência profissional dos educadores sociais que atuam em contexto de risco.

d) A **necessidade de exercer a linguagem corporal:** tal elemento mostra a potência de outros canais de comunicação com repercussão e impacto, podendo ser mais potentes do que o diálogo, cuja tônica é a oralidade. Nosso corpo emite mensagens com uma riqueza de informações que transcende a informação oral ou escrita. Tal linguagem ocorre entre os profissionais e então com os acolhidos, podendo se manifestar como risco ou proteção. A linguagem corporal se refere à comunicação não verbal e se utiliza do corpo para comunicar algo. É vista como pano de fundo ou ainda um complemento da oralidade. Contudo, a linguagem do corpo, que envolve gestos, expressões faciais, posturas e demais informações expressas sem a oralidade têm papel primordial nas comunicações (BERSCH *et al.*, 2018a).

**Quanto às Práticas de cuidado na instituição de acolhimento e seus elementos**

a) **Cuidado apropriado para cada situação:** Para a criança e adolescente, a instituição é um local desconhecido, com pessoas estranhas e rotinas diferentes das que estavam habituados. Obrigados a conviver com pessoas adultas e outros residentes com personalidades diferentes de seus familiares, eles clamam internamente por carinho e atenção. Sentimentos de culpa os assolam e seus conflitos internos são, muitas vezes, doloridos (PISKE, *et al*, 2018). Diante disso, são situações em que o zelo e afeto do Educador Social podem significar uma “faísca de resiliência” (CYRULNIK, 2009) para superar a adversidade. O residente poderá ficar sofrendo por um longo tempo, mas

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

também poderá procurar em algum dos profissionais um gesto ou uma palavra que simbolize ternura, afeto ou benquerença, e com isso poderá ser ressignificado seu sentimento de abandono e se poderá ter uma relação de tutoria de resiliência (YUNES *et al.*, 2018). Assim, a forma ideal de cuidar da criança e do adolescente no processo de acolhimento gera uma variedade de respostas, mas a tônica é **flexibilidade**, importante aspecto da resiliência em qualquer contexto. Os profissionais participantes deste estudo entendiam como necessidade prioritária o atendimento das questões relacionadas à alimentação e higiene. Para 80%, cuidar e educar eram temas e ações distintas. Esse resultado foi também evidenciado no estudo realizado por Cavalcante e Corrêa (2012), que identificou que embora o grau escolar dos profissionais de uma instituição acolhedora é muitas vezes elevado, estes não se sentem preparados para as intervenções com as crianças no contexto. Além disso, a função cuidar/educar era percebida por eles de forma dicotômica.

Quando eles chegam aqui na casa a primeira coisa que a gente faz é dar banho, ver se tem piolho, se tão doente, depois damos comida e aí a gente senta e conversa e vê as outras coisas (E.06 M.D.Mod.01)

b) **Olhar positivo**: Saber lidar com situações difíceis além de cuidar e educar caracterizam competências do Educador Social. São questões diretamente relacionadas aos bons tratos (BARUDY; DANTAGNAN, 2005; BERSCH *et al.*, 2018a) diante do risco psicossocial. O fator tempo de serviço, aspecto analisado no âmbito pessoal e coletivo, revelou que aqueles profissionais que atuam há mais tempo na função apresentam maior **segurança, serenidade, flexibilidade e olhar positivo** nas suas práticas, o que pode estar relacionado à **experiência profissional**. Entretanto, as percepções dos profissionais com relação às poucas perspectivas de futuro das crianças e adolescentes são contraditórias e pessimistas.

c) **Humor criativo e positivo**: O Humor tem estreita relação com a psicologia positiva (PALUDO e KOLLER, 2007; YUNES, 2003), pois enaltece as potencialidades e virtudes dos seres humanos e a capacidade de encarar e enfrentar as situações de forma otimista e positiva. Tais condutas e atitudes, no contexto institucional, que tem múltiplas histórias de risco social e de vulnerabilidade, são imprescindíveis para superação das adversidades. Dessa forma, esse aspecto demonstrou ser um elemento chave para a promoção da resiliência, em especial da resiliência profissional.

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

**AS RESSONÂNCIAS DO PROGRAMA SOB A ÓTICA DA BIOECOLOGIA**

A aplicação do programa de intervenção buscou enfatizar os desafios das experiências dos profissionais no seu cotidiano de cuidado e atendimento às crianças e adolescentes institucionalizados, bem como apontar suas forças e possibilidades de desenvolvimento positivo. Tais elementos positivos podem ser traduzidos pelo conceito de resiliência profissional em contextos de risco. Portanto, é isso que queremos demonstrar nessa sessão acerca das implicações do programa no cotidiano institucional.

As reflexões e as interpretações de nossos achados podem ser potencializadas quando discutidos à luz da teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner (2011) e associados ao modelo teórico de resiliência de Froma Walsh (2005, 2016). Essa última autora afirma que resiliência é um fenômeno relacional e que pode ser desenvolvido ao longo da vida nas interações com pessoas com quem se mantém vínculos protetivos e afetivos. (WALSH, 2016)

Esse estudo evidenciou que mecanismos de mediação, tais como Programas de formação e de reflexão acerca do cotidiano laboral, podem colaborar sobremaneira para a promoção da resiliência profissional em contexto de dificuldades diárias e constantes, criando canais e condições que oportunizem o reforço dos vínculos afetivos e de pontes relacionais. Tal fato se demonstrou possível, pelo entrelaçamento da proposta do Programa aplicada neste estudo com os conceitos chave da Resiliência Familiar e da teoria Bioecológica, ou o Modelo PPTC Pessoa, Processo, Tempo e Contexto.

Reiteramos que, no microsistema, ou seja, na instituição de acolhimento ocorrem os **processos proximais** que definem as relações de desenvolvimento entre os participantes e destes com outros. Nesse sentido, a **pessoa** do Educador Social com suas características biopsicossociais traz aspectos cruciais para a análise do estudo. Isso está em linha com os resultados do estudo de Marzol *et al.* (2012). Durante a evolução do programa apresentado neste artigo foi possível compreender questões que transcendem as características individuais (BARLACH, *et al.*, 2008) e as vicissitudes do papel do Educador Social no seu trabalho em uma instituição de acolhimento. Evidenciou-se que as práticas e interações no contexto laboral estão atreladas aos sistemas de crenças, aos processos de comunicação e aos padrões de organização, que são diversificados e

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

plurais, pois os participantes são oriundos de diferentes contextos e trazem suas experiências sociais singulares. É preciso considerar as subjetividades de cada pessoa, bem como compreender que as vivências do Educador Social ocorrem num tempo histórico e envolvem a cultura do grupo onde está inserido.

Ainda associado ao modelo teórico de Walsh (2005), constatou-se que um Educador Social bem preparado para suas funções pode exercer o papel de tutor de resiliência ou “salva-vidas relacional” ou ainda tornar-se o “outro significativo” (BRONFENBRENNER, 2002, 2011). Os resultados deste estudo revelaram a ampliação dos desejos dos educadores em potencializar os processos proximais com as crianças e adolescentes e com seus pares, bem como os seus anseios de trazer emoções positivas e de proteção para as relações. Podemos citar: humor positivo, motivação e esperança. Isso deve fazer parte tanto na relação com os colegas como com as crianças e adolescentes institucionalizados. Assim, esse trabalho de pesquisa recomenda que devem ser qualificados os aspectos: Rotina Institucional, processos de comunicação e práticas de cuidado.

O Educador Social tem papel crucial na promoção de condições para resignificar e (re)estabelecer intra e inter-relações para as intervenções positivas no grupo. Não se trata de recuperar falhas ou recompor fissuras, mas de auxiliar os indivíduos a encontrar a possibilidade de superá-las de forma individual e/ou coletivamente (CARVALHO; BAPTISTA, 2004). São essas, portanto, algumas das expressões manifestas da resiliência profissional.

No que se refere aos processos de comunicação, deve-se ressaltar que, segundo 70% dos participantes, houve um refinamento nos seguintes aspectos durante a realização do Programa de intervenção: a) mais clareza, coerência e congruência nas mensagens; b) Expressão aberta dos sentimentos: alegria, temor, tristeza, humor, ansiedade, etc.; c) resolução de problemas em colaboração com humor criativo e esperança; d) aumento nas expectativas positivas e confiança nos projetos de futuro para as crianças e adolescentes; e) mais qualidade no componente lúdico e afetivo na via de comunicação com os residentes; f) o planejamento de atividades em duplas ou pequenos grupos de profissionais de acordo com seus turnos de trabalho, bem como a socialização com o coletivo sobre regras e organização das rotinas.

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

Decorrentes e associados aos elementos de comunicação descritos acima, aspectos das **práticas de cuidado** se revelaram positivos após o Programa. Indicadores de comprometimento, de acolhimento, de sensibilidade em relação às emoções da criança emergiram com destaque no questionário pós-teste. Nos relatos de 80% dos profissionais, suas interações com os residentes evoluíram para além de atender suas necessidades básicas como alimentação e higiene. Os relatos indicaram estímulos afetivo por meio de brincadeiras, contação de histórias, dramatizações, jogos, ludicidade (BARUDY; DANTAGNAN, 2005; BERSCH *et al.*, 2018a). Essas questões ligadas às práticas de cuidado, que antes não representavam uma unidade ou coesão por parte dos profissionais, passaram a ter um entendimento mais unânime. A expressiva maioria dos participantes afirmou no pós-teste que a instituição de acolhimento não pode somente abrigar as crianças e os adolescentes, mas sobretudo, deve acolher no sentido de oferecer cuidado, proteção e afeto. Isso comprova que o olhar positivo referido por Walsh (2005; 2016) como propulsor de resiliência pode ser aprendido e refletido em intervenções positivas e protetivas.

A fase Pós-teste explicitou a satisfação com o programa e com as mudanças evidenciadas nas crenças e práticas do cotidiano. Esta revelou que os profissionais perceberam nos encontros de formação um espaço e um **tempo** significativo e necessário para promoção de novas formas de comunicação, imprescindível na organização da rotina da instituição (ALMEIDA, 2020). Ficou evidente que qualificar os processos proximais no contexto laboral tem sentido afirmativo na instituição.

Semelhante às considerações obtidas no estudo de BARLACH *et al* (2008), vale ressaltar que em contexto profissional há diversas histórias de vida e diferentes percepções sobre aspectos relacionados à rotina. Assim, sistemas de crenças diversificados emergem e uns se prevalecem sobre outros. Isso ocorre, pois, algumas pessoas são mais imperativas do que outras e vão conduzir os processos chave da instituição. Tal fato ocorre no que tange aos padrões de organização e na comunicação (WALSH, 2005; YUNES, 2015). Todos os processos chave são mutáveis e influenciáveis a partir das relações e experiências. Portanto, reforçamos que o Programa de formação continuada direcionado para os educadores sociais pode exercer um forte

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

impacto e (re)orientar o trabalho coletivo, enriquecendo e evoluindo cada um dos envolvidos e estes na constituição de uma equipe de trabalho.

Achados de alguns estudos evidenciaram que programas de treinamentos para trabalhadores podem ser benéficos, ressignificando os fatores de risco como estresse, depressão, humor e afetos negativos (ROBERTSON, *et al.*, 2015). Alertamos, portanto, que para minimizar estes riscos, a elaboração do programa, a metodologia adotada, a mediação, a observação, o acompanhamento constante da evolução dos participantes e dos resultados são cruciais para ter êxito.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os Educadores Sociais são profissionais que podem representar o esteio num momento de solidão, dor, sofrimento e de angústia daqueles que acolhem. Entretanto, para que sejam eles os “propulsores” de desenvolvimento saudável para essa população em situação de risco psicossocial é preciso encontrar mecanismos de fortalecimento e preparo para essas funções. Portanto, esse programa de Formação de Educadores sociais mostrou ser uma possibilidade potente, pois identificou fatores de risco, trabalhou com os mesmos de forma processual transformando-os em fatores de proteção para gerar resiliência, bem estar, qualidade de trabalho e de vida no escopo da vida institucional. Sabemos que uma das limitações desse estudo é ter sido realizado com uma amostra pequena, que não dá garantia de que o mesmo vá ocorrer em outros cenários. Porém, alertamos que o Programa deve ser permanente e contínuo para garantir a manutenção dos fatores de proteção e a qualidade das relações.

Um dos propósitos do Programa de Formação dos educadores sociais foi mobilizar os profissionais a (des)construir (in) certezas, (pré) conceitos, valores, princípios, atitudes, posturas, crenças já cristalizadas e promover o diálogo para fortalecer o grupo no que tange a práticas positivas e protetivas junto aos residentes. Contudo, é prioritário que mecanismos de mediação protetores auxiliem na superação das vulnerabilidades. Por isso, argumentamos que a resiliência pode ser potencializada se este indivíduo contar com outras pessoas, como os familiares, os amigos ou com os colegas. Por meio de vínculos afetivos e das relações promotoras de desenvolvimento

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

(WALSH, 2005), enfatizamos o elemento relacional do conceito, ou seja, que todos os indivíduos têm a capacidade de desenvolver a resiliência ao longo da vida, se encontrarem relações significativas, de apoio e de afeto nos momentos de sofrimento. As categorias estão intimamente ligadas aos processos chave: os padrões de organização, sistemas de crenças e processos de comunicação, pois estes são a expressão da resiliência, que a legitimam.

Atentamos para a permeabilidade dos processos chave que constituem a resiliência profissional. A comunicação interpessoal se entrelaça à rotina institucional, bem como se interconecta às práticas de cuidado que, por sua vez, tem interdependência com os processos de diálogo. A conexão dinâmica entre os processos chave possibilita a constituição do fenômeno de pesquisa. Reiteramos que o objetivo do estudo não foi de avaliar a efetividade do programa, mas o impacto do processo formativo nas práticas educativas dos profissionais. Constatou-se mais afetividade nas relações, o que é potente para a constituição de tutores de resiliência e a resiliência profissional em ambientes de risco.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Débora R. Resiliência institucional: para onde vai a participação nos Conselhos Nacionais de Saúde e dos Direitos da Mulher? *Caderno CRH*, 33 (020004), May, 2020.

ALMEIDA, Ana; ABREU-LIMA, Isabel; CRUZ, Orlando; GASPAR, Maria, BRANDÃO, Tereza.; ALARCÃO, Madalena., SANTOS, Milice; MACHADO, José C.. Parent education interventions: results from a national study. *Portugal European Journal of Developmental Psychology*, v.9, n.1, pp.135-149, 2012.

BARLACH, Lisete., LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina; MALVEZZI, Sigmar. O conceito de resiliência aplicado ao trabalho nas organizações. *Interamerican Journal of Psychology*, 42(1), pp. 101-112, 2008.

BARUDY, Jorge; DANTAGNAN, Maryorie. *Los Buenos tratos a La infância: Parentalidad, apego y resiliencia*. Ed.Gedisa, 2005.

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. <Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html)

BELTMAN, Susan; MACCALLUM, Judith. Mentoring and the Development of Resilience: An Australian Perspective. *International Journal of Mental Health Promotion*, 8(1), pp. 21-32, 2006.

BERSCH, Ângela A.S. *Resiliência Profissional e a Educação Ambiental: promoção de ambientes de desenvolvimento em instituição de acolhimento*. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2017.

BERSCH, Angela A.S., YUNES, Maria Angela M., GARCIA, Narjara M.G.; PISKE, Eliane L. . Educador social promotor de boas práticas e resiliências em instituições de acolhimento. En: Cavalcante, L., et al. (org). *Acolhimento Institucional de crianças e adolescentes: Teorias e evidências científicas para boas práticas*. Juruá, 2018a.

BERSCH, Angela A.S.; YUNES, Maria Angela M.; GARCIA, Narjara M.; PISKE, Eliane L.; SILVEIRA, Simone B.; PIETRO, Angela T. *Programa de Formação de Educadores Sociais na Promoção da Resiliência Profissional*. Ed. da FURG, 2018b.

BERSCH, Angela A S., YUNES, Maria A. M.; GARCIA, Narjara M. O impacto das imagens sociais e crenças na promoção de resiliência profissional em educadores sociais. In: Sarriera, Jorge C; Rocha, Kátia Bones; Inzunza, Jaima Alfaro & Silva, Rafael Bianchi (Orgs.). *Bem-estar e saúde comunitária: Teoria, metodologia e práticas transformadoras*. Editora Appris, pp. 276 -323, 2019.

BRASIL. *Orientações técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes*. Brasília, DF: Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente/Conselho Nacional de Assistência Social, 2009.

BRASIL. *Lei n. 9795 - 27 de abril de 1999*. Dispõe sobre a educação ambiental. Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília, 1990.

BRONFENBRENNER, Urie. *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Tradução: Carvalho-Barreto, A. Artmed, 2011.

BRONFENBRENNER, Urie. *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. 2ª ed. Artes Médicas, 2002.

CARVALHO, Adalberto D.; BAPTISTA, Isabel. *Educação social: Fundamentos e estratégias*. Porto Editora, 2004.

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

CAVALCANTE, Lília I. C.; CORRÊA, Laiane S. Perfil e trajetória de educadores em instituição de acolhimento infantil. *Caderno de Pesquisa*, vol.42, n.146, May/Aug., 2012

CECCONELLO, Alessandra M.; KOLLER, Silvia. Inserção Ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.16, n.3, pp. 515-524, 2003.

CHARMAZ, Kathy. *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Artmed, 2009.

CYRULNIK, Boris. *Autobiografia de um espantinho*. Martins Fontes, 2009.

DEMO, Gisela.; OLIVEIRA, Aurea F.; COSTA, Ana Carolina. Resiliência no trabalho: Revisão bibliométrica sistemática no contexto brasileiro e itinerários da produção nacional. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 17(3), pp. 180-189. doi: 10.17652/rpot/2017.3.12973, 2017.

FARSEN, Thaís C.; BOGONI, Aline C.; SILVA, Narbal. Resiliência no trabalho no campo da Psicologia: um estudo bibliométrico. *Psicología desde el Caribe*, 35(1), pp. 81-103, 2018. <http://doi.org/10.14482/psdc.35.1.9554>.

GARCIA, Narjara M.; YUNES, Maria Angela M.; ALMEIDA, Ana Maria T. Educação parental e pedagogia social: avaliação de uma proposta de intervenção. *Revista Educação*, v.39, n.1, pp.94-104, jan-abr, 2016.

GUIMARÃES, Cleusa da P.; NETO, Sebastião B. da C. Suporte social como mediador de resiliência em adolescentes institucionalizados. Um estudo de caso. In: Coimbra, R. & Moraes, N. (Orgs), *A resiliência em questão. Perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção*. Artmed, 2015.

JULIANO, Maria C.; YUNES, Maria Angela M. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambiente e Sociedade*, n.3, vol.17, pp.135-154, 2014.

MARTÍN, Juan Carlos; MÁIQUEZ, Maria L.; RODRIGO, Maria J.; BYRNE, Sonia; RODRIGUEZ, Beatriz; RODRÍGUEZ, Guacimara. Programas de educación parental. *Intervención Psicosocial*, v.18, n.2, p. 121-133, 2009.

MARZOL, Rosinha M.; BONAFÉ, Larissa; YUNES, Maria Angela M. As Perspectivas de Crianças e Adolescentes em Situação de Acolhimento Sobre os Cuidadores Protetores. *Revista PSICO*, v. 43, n. 3, pp. 317-324, 2012.

NÖRNBERG, Marta; MENEZES, Marilu. Práticas de Acolhimento em Abrigo Infanto-Juvenil. *Revista Contexto & Educação, [S. l.]*, v. 26, n. 85, p. 177–201, 2012. DOI: 10.21527/2179-1309.2011.85.177-201. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/450>. Acesso em: 8 mar. 2023.

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

PALUDO, Simone; KOLLER, Silvia. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. *Paidéia*, v.17, n.36, p. 9-20, 2007.

PAULO, Fernanda. dos S.; DA SILVA, Elenita. L. Educação popular e educadores sociais nas universidades: a luta dos movimentos sociais: popular education and social educators in universities: fighting social movements. *Revista Contexto & Educação*, [S. l.], v. 36, n. 115, p. 147–160, 2021.

PISKE, Eliane L.; BERSCH, Angela A.S.; YUNES, Maria Angela M. Children's Perceptions of the Relational and Educational Practices at Shelter Institutions. In: Dell'Áglio, Débora D.; KOLLER, Silvia (org). *Vulnerable Children and Youth in Brazil: Innovative Approaches from the Psychology of Social Development*. Springer Nature, 2017.

PISKE, Eliane L.; YUNES, Maria Angela M.; BERSCH, Angela A.S.; PIETRO, Angela T. Práticas educativas nas instituições de acolhimento sob o olhar das crianças. *Revista Educação Pública*, v. 27, n. 66, pp. 905-923, 2018.

ROBERTSON, Ivan T.; COOPER, Cary L.; SARKAR, Mustafa; CURRAN, Thomas. Resilience training in the workplace from 2003 to 2014: A systematic review. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 88, 533–562, 2015.

RUBIO, Jose R.; PUIG, Gema. *Tutores de Resiliencia: Dame un punto de apoyo y moveré Mi mundo*. Gedisa Editorial, 2015.

SAN MARTÍN, Daniel. Teoría fundamentada y Atlas.ti: recursos metodológicos para la investigación educativa. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, v.16, n.1, pp.104-122, 2014.

SILVEIRA, Simone B.; GARCIA, Narjara M.; PIETRO, Angela T.; YUNES, Maria Angela M. Inserção Ecológica: metodologia para pesquisar risco e intervir com proteção. *Psicologia da Educação* (Impresso), v. 29, pp. 57-74, 2009.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. *Bases de la investigación cualitativa*. Técnicas y procedimientos para desarrollar la teoría fundamentada. Editorial Universidad de Antioquia, 2012.

SOBOLL, Lis Andrea. *Assédio moral/organizacional: uma análise da organização do trabalho*. Casa do Psicólogo, 2008.

WALSH, Froma. *Fortalecendo a resiliência familiar*. Ed.Roca, 2005.

WALSH, Froma. Resiliência familiar: uma estrutura de sistemas de desenvolvimento. *European Journal of Developmental Psychology*, 13 (3), 313-324, 2016.

YUNES, Maria Angela M. Dimensões conceituais da resiliência e suas interfaces com risco e proteção. In: MURTA, Sheila Giardini; FRANÇA, Cristineide L.; BRITO, Karine;

**RESILIÊNCIA PROFISSIONAL EM CONTEXTOS DE RISCO:  
UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PARA EDUCADORES SOCIAIS**

POLEJACK, Larissa. (Org.). *Prevenção e Promoção em Saúde Mental: Fundamentos, Planejamento e Estratégias de Intervenção*. 1ª ed. Synopisis, p. 93-112, 2015.

YUNES, Maria Angela M. Psicologia Positiva e Resiliência: foco no indivíduo e na família. *Psicologia em estudo*, v.8, n. esp., p.75-84, 2003.

YUNES, Maria Angela M; Pietro, Angela T.; SILVEIRA, Simone B.; JULIANO, Maria C.; GARCIA, Narjara M. Um educador para proteger do risco e tricotar a resiliência: o profissional da educação como agente de proteção e de promoção de resiliência. In: CABRAL, Sandra; CYRULNIK, Boris. (Orgs.). *Resiliência: Como tirar leite de pedra*. Casa do Psicólogo, pp. 155-170, 2015.

YUNES, Maria Angela M., FERNANDES, G.; WESCHENFELDER, G. V. Intervenções psicoeducacionais positivas para promoção de resiliência: o profissional da educação como tutor de desenvolvimento. *Educação*, 41(1), 83-92, 2018.

YUNES, Maria Angela M.; SZYMANSKI, Heloisa. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: Tavares José. (Org.) *Resiliência e Educação*, pp. 13-42. São Paulo: Cortez, 2001.

ZAPPE, Jana G.; PATIAS, Naiana D.; PATRÍCIO, Joana N., CALHEIROS, Maria M.; GARRIDO, Margarida V.; LOPES, Diniz; DELL'AGLIO, Débora D. Imagens sociais de famílias com filhos em acolhimento e em contexto familiar: um estudo entre Brasil e Portugal. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 17, n. 1, pp. 181-204, 2017.

**Autor correspondente:**

Ângela Adriane Schmidt Bersch

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Km 8 Avenida Itália Carreiros, Rio Grande/RS, Brasil. CEP 96203-900

[angelabersch@gmail.com](mailto:angelabersch@gmail.com)

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.

